APRESENTAÇÃO

ESPAÇOS, CIDADES E DRAMATURGOS

Este livro, decorrente da pesquisa homônima, versa sobre as relações entre a arquitetura do edifício teatral elisabetano, dos *corrales* do Século de Ouro espanhol e dos primeiros palcos franceses do século XVII, contendo, inclusive, um estudo comparativo entre estes espaços teatrais em Londres, Madri e Paris. Considerando um recorte temporal que abrange de 1580 a 1680 – posto que os primeiros palcos públicos nas três cidades datam do final do século XVI e que, nas últimas décadas do XVII, as salas de espetáculo adotam definitivamente o modelo à italiana, investigamos o teatro redondo ou poligonal em torno de um pátio, recorrente em Londres no período elisabetano, os *jeux de paume* franceses e os *corrales* espanhóis. A documentação escrita, iconográfica e cartográfica, entre outras possibilitaram analisar a arquitetura teatral da época, estabelecer os princípios arquiteturais utilizados, bem como as referências à ocupação do solo urbano nas três capitais. Percebeu-se haver nos edifícios teatrais daquelas capitais europeias, todos eles adaptados utilizando formas e usos anteriomente existentes, o "espaço encontrado", tão caro aos estudiosos contemporâneos.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa promovemos seminários e colóquios nacionais e internacionais com a presença de renomados estudiosos que trouxeram inúmeras contribuições integrantes também deste livro, que foi dividido em três partes. Na primeira parte, intitulada *Arquitetura, Teatro e Cultura. Um estudo comparativo entre os edifícios teatrais seiscentistas de Londres, Madri e Paris*, estão inseridos os capítulos especificamente voltados para a discussão da arquitetura, sua implantação no tecido urbano, suas possíveis morfologias, os princípios arquitetônicos adotados nas readaptações e as questões relacionadas com as reconstruções dos edifícios na contemporaneidade.

O primeiro capítulo, "Edifícios teatrais no distrito de Southwark na Londres do século XVII – uma área de entretenimento", abre a nossa pesquisa e enfoca as edificações teatrais denominadas *amphitheatres*, que se instalaram em uma periferia londrina inicialmente agrícola, exterior às muralhas medievais e ao domínio maior do City Council, que, por razões sociais e políticas, tornou-se o primeiro bairro no ocidente concentrando atividades de entretenimento. A partir da cartografia, iconologia e história cultural, investiga-se como a arquitetura de teatros provocou a ocupação do distrito de Southwark na Londres do século XVII.

"Espaços teatrais na Paris do século XVII por meio da cartografia. Do Hôtel de *Bourgogne* e do Teatro do Marais à antiga Comédie-Française" é o título do segundo capítulo, também de minha autoria, no qual se investiga a arquitetura dos lugares teatrais mais utilizados em Paris durante o século XVII, tanto nos teatros improvisados nos galpões dos *jeux de paume,* quanto nos teatros adaptados nos antigos palácios como o Palais Royal. Recorremos à história cultural e à cartografia para identificar as edificações, terminando por elaborar um mapeamento destes teatros a partir dos deslocamentos das trupes teatrais mais populares nos limites de Paris ao longo de um século.

O terceiro capítulo também consiste em um produto direto do projeto da pesquisa e intitula-se "Princípios arquiteturais aplicados aos edifícios teatrais em Londres, Paris e Madri no final do século XVI e ao longo do século XVII". O texto discute as diferenças básicas e as similaridades entre edifícios teatrais construídos nas cidades de Paris, Londres e Madri no período de 1580 a 1680, a partir das relações simbólicas que caracterizam os princípios estruturadores do espaço arquitetural que oscilam entre o "cubo e a esfera" tal como investigados por Etienne Souriau[1], bem como as diversas maneiras de confrontar a audiência com os atores, ou ao redor do palco circular ou frontalmente, ficando a plateia de um lado e o palco do outro.

Em seguida temos "O Hôtel Guénégaud: de quadra de tênis a teatro e de novo readaptado como quadra", da pesquisadora Jan Clarke, da Durham University, cuja pesquisa associa-se à nossa, visto que ela atualmente investiga os anos iniciais da Comédie-Française (1680-1689) tendo em vista completar seus trabalhos sobre o Teatro do Hôtel Guénégaud tanto como um indivíduo arquitetônico quanto como um empreendimento teatral.

1 SOURIAU, Etienne. Le cube et la sphère. *Architecture et Dramaturgie*. Paris: Flammarion, 1950.

Ela investiga a forma e a capacidade da sala de espetáculo, sua possível fachada e as facilidades dos bastidores do teatro a partir dos registros contábeis da companhia da trupe de Molière, após a fusão com os atores do Hôtel de Bougogne, após a morte do dramaturgo-ator.

Fechando a primeira parte do livro, "Colocando 'uma cinta' ao redor do The Globe: a arqueologia e as dimensões do Teatro de Shakespeare", capítulo escrito por Franklin J. Hildy, da Maryland University, questiona a reconstrução do teatro, hoje denominado Shakespearean Globe, que foi edificado no mesmo bairro de Southwark, onde existiram os edifícios teatrais na margem direita do rio Tâmisa na direção oposta à Catedral de St. Paul em Londres, conforme investigamos no capítulo 1. O Shakespearean Globe é atualmente um polígono de 20 lados com 100 pés de diâmetro. Segundo Hildy, que empreendeu rigorosa pesquisa sobre as reais dimensões e forma do antigo teatro, após os resultados do relatório arqueológico, o The Globe na realidade era bem menor e tinha menor número de lados do que o atual teatro inaugurado em 1997.

A segunda parte do livro, *Arquitetura e Dramaturgia no século XVII*, tal como na pesquisa que desenvolvemos, debruça-se sobre as relações muito próximas entre arquitetura e dramaturgia, motivo pelo qual convidamos para escrever sobre os principais dramaturgos do século XVII, os estudiosos que participaram de nossos seminários expondo suas pesquisas. O primeiro capítulo deste segmento intitula-se "Arquitetura e cenografia no âmago da transformação de um tema. Do *Convidado de Pedra* ao *Don Juan* de Molière", da autoria de Georges Forestier, da Université Paris IV – Sorbonne, para quem Don Juan é, juntamente com Fausto, um dos dois mitos nascidos na época moderna. *Le Festin de Pierre*, de Molière encenado em 1665, é investigado na presente reflexão, na qual o autor verifica que as escolhas dramatúrgicas de Molière naquela peça decorrem de restrições cenográficas e arquiteturais.

Segue-se o capítulo "Como ler um texto que não existe? Cardenio entre Cervantes e Shakespeare", origem da motivação de toda a pesquisa: a conferência pronunciada por Roger Chartier, do Collège de France, em junho de 2008 na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro decifrando – com uma grande erudição e com argumentos fortes e fontes precisas – o enigma da peça *Cardenio,* atribuida a Shakespeare (e Fletcher), duas vezes encenada no início dos seiscentos e cujo enredo se inspira no *Dom Quixote* de Cervantes – peça desaparecida que circulou pela Europa antes mesmo daquela representação.

Motivada pela circularidade das ideias no início do século XVII, empreendi os estudos que comprovaram também a circularidade de propostas arquitetônicas do recém-criado teatro que abandonava o espaço da rua e das estalagens para as edificações inicialmente adaptadas nas arenas de ursos, quadras de jogos de tênis e pátios internos de habitações.

Como fecho desta parte do livro segue-se o capítulo "Cervantes no tempo dos Corrais de Comédia", de Esteban Reyes Celedón, da Universidade Federal do Amazonas, para quem as comédias – a expressão artística mais democrática e popular do Século de Ouro – eram representadas nos chamados Corrais de Comédias (*Corrales de Comedia*), assim denominados, pois, num primeiro momento, se utilizavam antigos pátios no centro de quadras residenciais (*corrales*) como teatros. O autor considera os *corrales* como "um espaço público e profissional, sendo que, com o sucesso das comédias, a cada dia era um espaço muito mais teatral. Por isso, rapidamente tiveram que construir espaços específicos (com as características dos antigos *corrales*)".

A terceira e última parte do livro, *Encenações modernas e contemporânea de autores seiscentistas,* pretende realmente demonstrar uma das metas da pesquisa, sobre a qual já publicamos alguns artigos[2], de que os grandes dramaturgos do século XVII continuam a ser contemporâneos, visto que diversos diretores teatrais os reencenam cada vez com maior recorrência na atualidade. Para tanto, convidamos o diretor teatral e acadêmico André Carreira, da Universidade Estadual de Santa Catarina, que relata, no oitavo capítulo, sua teoria que reflete um teatro que ocupa espaços públicos pensando a cidade como dramaturgia. O texto intitula-se "Dom Quixote no centro da cidade como exploração dos territórios do real" e analisa a proposta de ocupar teatralmente espaços centrais da capital do Estado de Goiás com uma versão do romance *Dom Quixote de La Mancha* de Miguel de Cervantes.

Em seguida, Walter Lima Torres, da Universidade Federal do Paraná, introduz uma discussão acerca das relações de Molière e de sua obra com o teatro brasileiro moderno, indagando no título do nono capítulo, "Molière, um mito?", onde retoma alguns pontos referenciais sobre o autor francês,

2 LIMA, Evelyn F. W. Le Groupe Galpão et le spectaculaire. L'exemple de Roméo et Juliette au Shakespeare's Globe Theatre. *Sociétés et Représentations*, v. 31, Paris: Publications de la Sorbonne, 2011, p. 79-86.

a fim de localizá-lo para o leitor brasileiro, para em seguida desenhar uma interpretação acerca da assimilação de sua obra e do que sua personalidade representaria para o teatro brasileiro moderno.

Para o fechamento do livro convidamos o estudioso Wolfgang Bock, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Weimar Universität, a escrever o capítulo final "Hamlet é um herói ou um covarde? Walter Benjamin lê William Shakespeare e Carl Schmitt", no qual ele aponta questões bastante atuais da análise do personagem de Hamlet, com base nos estudos de Walter Benjamin para o drama trágico alemão.

Este livro e seus capítulos evidenciam as relações, semelhanças e diferenças entre edifícios teatrais seiscentistas em Londres, Paris e Madri, estabelecem fortes laços entre a arquitetura e a dramaturgia daquele período histórico e comprovam a contemporaneidade de autores como Cervantes, Molière e Shakespeare , constantemente revisitados em montagens modernas e contemporâneas.

Agosto de 2012

Evelyn Furquim Werneck Lima